

## João 3:13 e 6:62

por *Anthony F. Buzzard*.

Título Original (em Inglês):  
“*John 3:13 and 6:62*”.

**Tradução** (*Translation*):  
*Fernando Coutinho Sánchez*  
(ferjosousan@gmail.com)  
*Osorno - Machalí, Chile,*  
*agosto de 2024*

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Corrigida Fiel 2007 (ACF2007). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres *ITÁLICOS*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “*ITÁLICOS*” e/ou transliteradas para o português.



Tem havido muito debate sobre a declaração enigmática de Jesus de que “*ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem*”. Se as palavras forem tomadas como sendo de Jesus, em vez de um comentário posterior de João, Jesus parece estar a dizer que só ele subiu ao céu. Os comentaristas ficam surpreendidos com o uso surpreendente do tempo perfeito. “O tempo perfeito ‘*Subiu*’.”<sup>11</sup> “O uso do pretérito perfeito é uma dificuldade, porque parece implicar que o Filho do Homem já subiu ao céu”.<sup>12</sup> “A dificuldade do versículo está no momento de ‘*subiu*’.” Parece implicar que o Filho do Homem já tinha ascendido ao céu no momento em que falou”.<sup>13</sup>

Em que sentido poderia Jesus ter afirmado que já tinha ascendido ao céu? Alguns interpretaram esta declaração como significando que, em algum momento durante o seu ministério histórico, Jesus foi literalmente transportado para a presença do seu Pai. Mas os Evangelhos em parte alguma registam tal acontecimento. Outros defendiam um sentido preditivo do pretérito, nomeadamente que o Filho do Homem estava destinado a ascender, uma profecia da sua ascensão após a ressurreição.

Há uma explicação mais fácil da ascensão de Jesus ao céu, baseada nos precedentes bíblicos e no discurso judaico. “ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu” é uma descrição figurativa da percepção única de Jesus sobre o plano salvador de Deus. Jesus possui uma compreensão única dos segredos do universo que agora revela a todos os que quiserem ouvir. A frase “que está no céu”, que aparece em alguns manuscritos gregos, latinos e siríacos, indica que Jesus, enquanto viveu na terra, estava ao mesmo tempo também “no céu”, em constante comunhão com o seu Pai, que dependia para tudo. Como ponte entre o céu e a terra, afirmava ter um acesso único à informação divina. Uma condição semelhante é mais tarde aplicada a todos os crentes que Paulo descreve como “nos fez assentar nos lugares celestiais” (Efésios 2:6).

A ascensão de Jesus ao céu durante o seu ministério aponta então para a sua íntima comunhão com o seu Pai. Como Filho, reside “no seio do Pai” (João 1:18). O contexto de João 3:13 mostra Jesus a conversar com Nicodemos sobre os segredos da imortalidade. Jesus está a “nós dizemos o que sabemos” (João 3:11). Em contraste com a falta de familiaridade de Nicodemos com as chaves para entrar no Reino e a necessidade de nascer de novo, Jesus diz: “Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho” (João 3:11). Jesus duvida de a capacidade de Nicodemos receber “coisas celestiais”. São estes segredos celestes que Jesus pode revelar porque “subiu ao céu” e “está no céu”. Em Provérbios 30:3, 4 as palavras de Agur contêm uma referência semelhante à ascensão ao céu. O objetivo de tal “ascensão” é obter a compreensão e a revelação divinas. “Não aprendi a sabedoria, nem conheço a ciência do Santo. “Quem subiu ao céu e desceu” Da mesma forma, Baruque 3:29 pergunta: “Quem subiu ao céu e a obteve [Sabedoria] e a fez descer das nuvens?” (compare, Deuteronomio 30:12).<sup>14]</sup>

No caso de Jesus, o revelador supremo e final dos propósitos de Deus, foi construída uma ponte do céu para a terra. O Filho “exegetado” o Pai (João 1:18). Ninguém, exceto o Filho do Homem, recebeu tal medida de sabedoria divina. Ao mesmo tempo, o Filho do Homem – o Ser Humano – desceu do céu, expressão judaica que não significa que Jesus estava vivo antes do seu nascimento, mas antes que é uma dádiva de Deus ao mundo (ver, Tiago 1: 17 ;

No caso de Jesus, o revelador supremo e final dos propósitos de Deus, foi construída uma ponte do céu para a terra. O Filho “exegetado” o Pai (João 1:18). Ninguém, exceto o Filho do Homem, recebeu tal medida de sabedoria divina. Ao mesmo tempo, o Filho do Homem – o Ser Humano – desceu do céu, expressão judaica que não significa que Jesus estava vivo antes do seu nascimento, mas antes que é uma dádiva de Deus ao mundo (ver, Tiago 1:17; 3:15).

*Adam Clarke* comentou a nossa passagem:

Esta parece ser uma expressão figurativa para “ninguém conheceu os mistérios do Reino”, como em *Deuteronomio 30:12* e *Romanos 10:6*; e a expressão encontra-se na máxima geralmente aceite de que, para se estar perfeitamente familiarizado com as preocupações de um lugar, é necessário que uma pessoa esteja no lugar.<sup>15]</sup>

Um expositor alemão, *Christian Schoettgen*, no seu livro “*Horae Hebraicae*”, observou o seguinte sobre João 3:13: “Era uma expressão comum entre os judeus que muitas vezes diziam de Moisés que ele ascendeu ao céu e aí recebeu uma revelação sobre a instituição do culto divino”. Cita os rabinos dizendo: “Não está no céu que digais: ‘Oh, se tivéssemos alguém como Moisés, o profeta do Senhor, que ascenderia ao céu e nos traria [a Lei]’” (*Targum de Jerusalém em Deuteronomio 30:12*).

Em *João 6:62*, Jesus fez uma declaração desafiante sobre o seu destino como Filho do Homem predito. Depois de se referir às suas próprias “afirmações difíceis” sobre ser “o pão que desceu do céu” (*João 6:58-60*), Jesus perguntou se este ensino também poderia fazer com que o seu público tropeçasse: “*Que seria, pois, se visseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?*” (*João 6:62*).

Jesus referiu-se a Si mesmo nesta passagem como o Filho do Homem. Como é sabido, o título tem origem em *Daniel 7:13*, onde, 550 anos antes do nascimento de Jesus, Daniel teve uma visão do Filho do Homem no céu a receber autoridade para governar com os santos no futuro Reino Messiânico:

Jesus usou [o título Filho do Homem] para se referir a Si mesmo com a implicação de que nele estava o cumprimento da visão de Daniel... É o título que Ele usou especialmente, quando estava a prever aos seus discípulos a Paixão como o acontecimento inevitável e predestinado. <sup>161</sup>

Os seguintes textos dos *Evangelhos Sinópticos* ilustram este ponto. Em cada caso, Jesus fala de Si mesmo como o Filho do Homem – um título que significa “membro da raça humana” – que está destinado a sofrer, morrer e ser ressuscitado: “*Em verdade o Filho do homem vai, como acerca dele está escrito*” (*Mateus 26:24*). Marcos fala da Paixão do Filho do Homem como tema da profecia do Antigo Testamento: “*como está escrito do Filho do homem, que ele deva padecer muito e ser aviltado?*” (*Marcos 9:12*).

Também no Evangelho de João, o título “*Filho do Homem*” está associado à predição, ao que está destinado a acontecer a Jesus em cumprimento da profecia ou tipologia do Antigo Testamento: “*E, como Moisés levantou a serpente... assim importa que o Filho do homem seja levantado*” (*João 3:14*).

O tema da enigmática afirmação de *João 6:62* é o Filho do Homem, título que designa Jesus como o Ser Humano. Se perguntarmos onde estava antes o Filho do Homem, a resposta bíblica encontra-se em *Daniel 7:13*. O homem Messias foi visto no céu numa visão do futuro que se tornou realidade na ascensão (*Atos 2:33*), quando Jesus foi exaltado à direita de Deus. David não tinha subido ao céu (*Atos 2:34*). Ao contrário da tradição muito acarinhada, os patriarcas não “foram para o céu”. Estão a dormir nos seus túmulos aguardando a ressurreição de todos os fiéis (*Daniel 12:2; João 5:28, 29*). Só o Messias estava destinado a essa posição. Em *João 6:62* antecipa a sua futura ascensão para cumprir o que lhe foi preordenado de acordo com o plano divino revelado na visão de Daniel.

Estes versículos não apoiam a doutrina de que um segundo membro da Trindade, o “eterno Filho de Deus”, estava no céu antes do seu nascimento. É o “Filho do Homem”, *uma pessoa humana*, que preexiste no céu. Não havia “Filho eterno” no céu antes do nascimento de Jesus. Filho do Homem não se refere a um segundo ser divino incriado, como exige a teologia trinitária. Os textos referem-se à atividade do Filho do Homem. Os trinitaristas não afirmam que o Filho do Homem, o Jesus humano, existisse antes da sua concepção.

Por detrás da aparente complexidade de *João 6:62* está um conceito muito simples, ao qual os leitores de João se devem habituar. Jesus viu-se a cumprir o “programa” predestinado e estabelecido de antemão pelas Escrituras. Pode dizer-se que o que foi prometido aconteceu realmente em visão ou outra previsão antes de acontecer na realidade. O Filho do Homem estava no céu, visto, por assim dizer, numa “prévia celestial” antes de realmente lá chegar (*João 6:62*). Um fenómeno semelhante mencionado nos Sinópticos é o aparecimento em visão, e não na

realidade, de Elias e Moisés (*Mateus 17:1-9*). Em *João 3:13* o Filho do Homem já obteve acesso à sabedoria celestial. Mas, mais tarde, em *João 20:17*, Jesus afirma que “*ainda não subi para meu Pai*”. A primeira afirmação (*João 3:13*) deve ser tomada figurativamente, enquanto a última se refere à partida real de Jesus para o Pai.

Devemos ter em mente este modo especial de pensamento do Evangelho de João, lembrando que João foi um pensador e teólogo profundo que se deleitava em narrar as trocas judaicas, por vezes enigmáticas, de Jesus com o seu público. Isto deveria alertar-nos contra a leitura de João de uma forma que opõe a sua cristologia à de Mateus, Marcos, Lucas e ao livro dos Atos. É significativo que a cristologia tradicional que apoia um credo trinitário seja derivada quase exclusivamente de João, sem grande preocupação com o retrato sinóptico de Jesus, nem com o de Pedro nos seus sermões no livro dos Atos e nas suas cartas. É com base na confissão de Pedro de que Jesus é o Messias que a Igreja será fundada (*Mateus 16:16, 18*). Pedro não nos dá qualquer razão para acreditar que ele pensava que Jesus pré-existia literalmente ao seu nascimento. E João escreveu com o único propósito de nos convencer de que “*Jesus é o Cristo, o Filho de Deus*”, certamente não o próprio Deus (*João 20:31*).

[“*The Doctrine of the Trinity: Christianity’s Self-Inflicted Wound*” (A Doutrina da Trindade: A Ferida Autoinfligida do Cristianismo), págs. 205-210].

Página 328:

Os textos de João que foram apresentados como evidência da preexistência literal de Jesus foram mal interpretados, porque tão pouca atenção foi dada às categorias judaicas de pensamento de João e Jesus. O fenómeno de que os tempos passados nem sempre significam uma referência a eventos passados foi negligenciado (*João 17:5*; comparar com *17:22, 24*). Em *João 3:13* Jesus não disse nada sobre uma preexistência eterna como “Deus, o Filho”. Em vez disso, afirmou ter sido admitido de forma única nos conselhos divinos. Não tinha literalmente “subido ao céu”, nem o Filho de Deus estava no céu desde a eternidade. Ele estava destinado a ir para o Pai, cumprindo a visão de Daniel do Filho do Homem (*João 6:62*). *João 13:3, 16:28 e 20:17* foram mal traduzidos na NVI para dar a impressão de que Jesus estava a regressar para junto do seu Pai (ver KJV, RSV). A Sua glória tinha-lhe sido preparada antes de o mundo existir (*João 17:5*; comparar *Mateus 6:1*: as recompensas futuras já estão garantidas), e foi escolhido como o representante humano supremo de Deus, o Messias, muito antes de Abraão (*João 8:58*). Era como o *humano Filho do Homem* que “preexistia” no decreto divino. Jesus está convicto de que deve realizar o plano predeterminado de Deus: “*não convinha que o Cristo padecesse... Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos*” (*Lucas 24:26, 44*).

## Notas Finais

- [1] Morris, “*The Gospel According to John*” (O Evangelho Segundo João), 223.
- [2] Raymond Brown, “*The Gospel According to John*” (O Evangelho Segundo João), 1:132.
- [3] C.K. Barrett, “*The Gospel According to St. John*” (O Evangelho Segundo São João) (London: SPCK, 1972), 177.
- [4] Ver Raymond Brown, “*The Gospel According to John*” (O Evangelho Segundo João), 1:128-146.
- [5] Citado por John Wilson, “*Concessions of Trinitarians*” (Concessões dos trinitários) (Boston: Munroe & Co, 1845), 324.
- [6] J.H. Bernard, “*St. John, International Critical Commentary*” (São João, Comentário Crítico Internacional) (Edinburgh: T&T Clark, 1948), 1:cxxx, cxxxi.